

EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p233-248



EDUCAÇÃO, CORPOS E SUAS RESISTÊNCIAS NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA AUDIOVISUAL SOBRE GÊNERO

EDUCATION, BODIES AND THEIR RESISTANCES
IN DIGITAL CULTURE: ANALYSIS OF AN
AUDIOVISUAL NARRATIVE ABOUT GENDER

EDUCACIÓN, CUERPOS Y SUS RESISTENCIAS EN
LA CULTURA DIGITAL: ANÁLISIS DE UNA
NARRATIVA AUDIOVISUAL SOBRE GÉNERO

Rafaela Ferreira dos Santos¹

Rosilaine Wardenski²

Taís Rabetti Giannella³

DOSSIÊ:

“CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE
CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS”

RESUMO

Este trabalho é recorte de uma dissertação de mestrado que envolveu a pesquisa e o desenvolvimento da atividade educativa “Vamos falar sobre gênero?” Buscando problematizar com alunos do ensino fundamental os significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação. Apresenta os resultados obtidos com a análise de uma narrativa audiovisual produzida no contexto desta atividade. Trata-se da narrativa “Preconceitos, Estereótipos e *Bullying* na Escola”, uma dramatização em vídeo, que conta a história de duas alunas, as quais criticam e buscam resistir a heteronorma. Com base no quadro teórico de Lundin (2011) e no modelo de análise temática de conteúdo de Bardin (2016), a narrativa foi analisada a partir de quatro categorias-chave: Corpos e suas Hierarquias, Corpos e suas Dicotomizações, Corpos e suas Estilizações e Corpos e suas Resistências. Como principais resultados, destaca-se a crítica das alunas às práticas de *bullying* contra os sujeitos, que se afastam de modelos hegemônicos de feminilidade; as representações dos corpos presentes nos materiais didáticos, que contribuem com a naturalização das diferenças ao reforçar o pensamento binário e a normatização, por meio de uma performance, em que pode-se evidenciar que narrar é resistir. Por fim, percebemos o potencial da narrativa audiovisual como um processo potente de mobilização de saberes, experiências e propulsora de atos de resistência contra processos de generificação.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero. Narrativa Audiovisual. Cultura Digital. Ensino Fundamental. Resistência.

ABSTRACT

This paper is part of a master's thesis comprising the research and development of the educational activity "Let's talk about gender?", in cooperation with elementary school students which sought to problematize the meanings embedded in the bodies, that lead to their production, that is, their genderification. It presents the results obtained by the analysis of an audiovisual narrative produced in the context of this activity. The narrative is "Prejudices, Stereotypes and Bullying at School", a video drama that tells the story of two students who criticize and attempt to resist the heteronorm. Based on Lundin's (2011) theoretical framework and Bardin's (2016) thematic content analysis model, the narrative was analyzed, originating four key categories: Bodies and their Hierarchies, Bodies and their Dichotomizations, Bodies and their Stylizations and Bodies and their Resistances. As main results, we highlight the criticism of the students to the bullying practices against people that deviate from hegemonic models of femininity; the representations of bodies present in the didactic materials, which contribute to the naturalization of differences by reinforcing binary thinking; the normatization, through a performance, in which it can be evidenced that narrating is resisting. Finally, we notice the potential of audiovisual narrative as potent process of mobilization of knowledge, experiences and propelling acts of resistance against attempts of genderification.

KEYWORDS

Gender. Body. Audiovisual narrative. Digital Culture. Elementary School. Resistance

RESUMEN

Este trabajo es el recorte de una tesis de maestría que abordó la investigación y desarrollo de una actividad educativa: "¿Hablemos sobre género?", la cual buscó problematizar con estudiantes de educación básica los significados inscritos en los cuerpos, que conducen a su producción, es decir, su genificación. Se presentan los resultados obtenidos mediante el análisis de una narrativa audiovisual producida en el contexto de esta actividad. Se trata de la narrativa: "Prejuicios, Estereotipos y *Bullying* en la escuela", una dramatización en video, que cuenta la historia de dos alumnas, que critican y buscan resistir a la heteronorma. Con base en el cuadro teórico de Lundin (2011) y en el modelo de análisis temático de contenido de Bardin (2016), la narrativa fue analizada a partir de cuatro categorías clave: Cuerpos y sus Jerarquías, Cuerpos y sus Dicotomizaciones, Cuerpos y sus Estilizaciones, y Cuerpos y sus Resistencias. Como principales resultados, se destaca la crítica de las alumnas a las prácticas de *bullying* contra los sujetos que se alejan de los modelos hegemónicos de feminilidad; las representaciones de los cuerpos presentes en los materiales didácticos, que contribuyen con la

naturalización de las diferencias al reforzar el pensamiento binario; y la normatización, a través de una actuación, en la que se puede evidenciar que narrar es resistir. Finalmente, percibimos el potencial de la narrativa audiovisual como un potente proceso de movilización de saberes, experiencias, y propulsora de actos de resistencia contra los intentos de generificación.

PALABRAS CLAVE

Género. Cuerpo. Narrativa Audiovisual. Cultura Digital. Educación Básica. Resistencia.

1 INTRODUÇÃO

Pensar a educação no contexto da cultura digital pressupõe refletir sobre os desafios enfrentados pela escola diante dos novos fluxos e dinâmicas de produção, circulação e significação de conhecimentos. Implica, também, como já nos alertavam Sancho e Hernandez (2006) considerar que a educação escolar é tecnológica em sua essência, ou seja, é a expressão de determinadas tecnologias simbólicas (linguagem, representações icônicas, saberes escolares etc.), organizacionais (gestão, arquitetura escolar, disciplina etc.) e materiais (quadro, giz, televisão, vídeo, computador etc.). Esta constatação é importante para pensarmos a escola e a tecnologias de maneira integrada e não dicotômica como se fosse possível discutir ensino e aprendizagem sem considerar as diferentes linguagens, códigos e símbolos que operam este processo (STRUCHINER; GIANNELLA, 2016; PISCHETOLA, 2018).

Assim, pode-se dizer que, na contemporaneidade, a Cultura Digital constitui a escola, pelos diferentes modos que coloca em trânsito a relação entre os sujeitos e a própria dinâmica deste espaço, em que as fronteiras produção-consumo de conhecimento são cada vez mais fluídas e horizontais (SANTAELLA, 2014).

Trazer à tona esta reflexão é ainda mais necessário quando se observa o modo como a juventude tem participado ativamente dessa nova cultura, explorando seus espaços e múltiplos recursos de forma expressiva, criativa e ágil, destacando o protagonismo e a autoria dos alunos. Um exemplo desse protagonismo é a resignificação e o reconhecimento das mídias como linguagens oportunas para criticar as narrativas do cotidiano, como se vê pelo uso da linguagem audiovisual para abordar temas contemporâneos, destacando práticas de resistências (PIRES, 2010; SOARES; PAIVA; NOLASCO, 2017).

Neste estudo, compreende-se narrativa como um instrumento discursivo de construção da realidade, de representações do mundo, um processo contínuo pelo qual o sujeito pode conhecer a si e aos demais (BRUNER, 2002). É considerando a narrativa como elemento constituinte do cotidiano dos sujeitos e reforçando o papel das tecnologias digitais nas múltiplas formas de compreender, representar e narrar o mundo (VALENTE; ALMEIDA, 2014), que buscamos discutir, neste trabalho, a experiência audiovisual no contexto escolar (SOARES; PAIVA; NOLASCO, 2017).

Na educação, observa-se a contribuição das narrativas audiovisuais como um campo para novas poéticas e prática sociais, em que o pensamento pode ser aprofundado, a partir do modo como o

sujeito se apropria da linguagem, repercutindo no uso que faz da tecnologia, trazendo à tona novos modos de conhecer e transformar o mundo (PIRES, 2012; FERREIRA *et al.*, 2016; HLALELE; BREXA, 2015; SOARES; PAIVA; NOLASCO, 2017).

Como uma estratégia educativa potente, as audiossualidades amplificadas pelo contexto da cultura digital podem ser um caminho de colocar o corpo em movimento (FERREIRA *et al.*, 2016). Essa seria uma oportunidade para refletir sobre a produção de corpos generificados, ainda mais se articularmos as potencialidades da produção de narrativas audiovisuais com uma pedagogia que busque estranhar/problematizar/resistir a uma rede significados, que produzem/ reiteram uma concepção de gênero guiada pela heteronorma (LOURO, 2016; MISKOLCI, 2015).

A heteronorma é um processo de normalização que define a forma como homens e mulheres devem ser comportar, como devem ser apresentar, como as relações interpessoais devem se constituir, determinando modos de ser e viver a própria sexualidade. Isso é resultado de um modo de organizar a vida segundo um modelo heterossexual, que mantém uma linearidade entre sexo, gênero e sexualidade, em que a pessoa se define de acordo com o sexo biológico (ANDRADE, 2016; GUNCKEL, 2009; LUNDIN, 2011). Uma concepção estruturada no pensamento binário (masculino e feminino), em determinismos, estilizações constantes dos corpos, que produzem assimetrias e hierarquias entre os sujeitos (ANDRADE, 2016; GUNCKEL, 2009; LETTS, 2001; LUNDIN, 2011).

É importante, tendo em vista que corpo e gênero são elementos centrais neste trabalho, situar a nossa compreensão sobre eles. Com base em uma perspectiva pós-estruturalista e *queer*, compreendemos que não existe um corpo natural, pré-discursivo, uma vez que ele não existe fora da cultura, já que é significado pela linguagem e pelas práticas. Assim, em diálogo com o conceito de performatividade de gênero de Butler (2015), se reconhece que os corpos são generificados, sendo o gênero entendido como uma estilização repetida do corpo, a partir de normas de gênero impostas por práticas regulatórias.

Essa repetição, que “é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2015, p. 200). Uma reiteração que produz a naturalidade aparente de gênero, estrutural na heteronormatividade (BUTLER, 2015; LOURO, 2016).

Nesse contexto, observa-se como é fundamental a discussão sobre corpo e gênero na escola para superar a construção escolar das diferenças e o olhar sobre a instituição como local de disciplina, produção e regulação dos corpos. O diálogo é um caminho para que a instituição se contraponha a determinadas práticas, ao levar os alunos a reconhecerem como as diferenças são fabricadas, que processos e linguagens estão envolvidos em sua produção e como os mesmos levam ao sexismo e às práticas homofóbicas neste mesmo espaço e fora dele (LOURO, 2014; MISKOLCI, 2015).

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo analisar a narrativa audiovisual *Preconceitos Estereótipos e Bullying* desenvolvida por alunos do nono ano de uma Escola Pública do Rio de Janeiro, no contexto de uma atividade educativa voltada para a discussão sobre gênero. Busca-se, portanto, contribuir com a discussão sobre as potencialidades pedagógicas das audiossualidades para problematizar os significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação.

2 METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado⁴ fruto de uma parceria entre pesquisadores de Tecnologia Educacional e professores de uma Escola Municipal do Rio de Janeiro. De natureza participativa, a pesquisa envolveu o desenvolvimento e análise de uma atividade educativa mediada pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), tendo como objetivo a discussão sobre gênero a partir da queerização.

Como queerização, entendemos um processo de estranhamento, questionamento e problematização dos significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação (GUNCKEL, 2009; LETTS, 2001). Essa queerização é importante para se compreender as assimetrias e as hierarquias resultantes da heteronorma presentes de diferentes formas no ambiente escolar, assim como fora dele.

A atividade “Vamos falar sobre Gênero?” foi realizada em 2018, em parceria com professores(as) de Artes, Ciências, Educação Física e Literatura, junto a uma turma de 39 alunos do nono ano do ensino fundamental. Contemplou quatro fases, constituindo um percurso narrativo: (i) Apresentação da proposta e dos autores do percurso; (ii) Narrativa Mãe: Reconhecendo e Debatendo sobre Gênero; (iii) Narrativas Filhas: Tecendo Novos Olhares a partir da produção de narrativas audiovisuais; (iv) Reflexões e Considerações sobre o percurso.

Este trabalho está situado na Fase III, que teve como objetivo estimular a produção de narrativas audiovisuais sobre gênero pelos alunos. Ao longo de um mês, divididos em cinco grupos, os alunos tiveram como desafio produzir uma história, com uso de diferentes mídias, a partir de temáticas relacionadas a gênero que lhes sensibilizassem.

Aqui, iremos focar na análise de uma das narrativas produzidas por um grupo de sete alunos, *Preconceitos, Estereótipos e Bullying* na Escola, uma dramatização videográfica de 3m36s filmada e editada a partir dos dispositivos móveis dos integrantes, que relata situações do cotidiano escolar, envolvendo questões de gênero.

Os conteúdos verbais dos diálogos da narrativa audiovisual foram transcritos e analisados com base na abordagem temática de Bardin (2016) e no quadro teórico proposto por Lundin (2011), estabelecendo-se quatro categorias-chave: *Corpos e suas Hierarquias*, com dados que mostram a identificação pelos alunos dos efeitos dos significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação.

Essas consequências estão presentes nas assimetrias entre homens e mulheres, assim como as pessoas, que destoam da heteronorma;

Corpos e suas Dicotomizações, que reúne trechos vinculados à identificação, pelos alunos, dos significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação, a partir de elementos biológicos que compõem/mantêm padrões dicotômicos, naturalizando diferenças entre masculino e feminino na sociedade;

⁴ Dissertação: A queerização do corpo por meio da produção de narrativas com/pelos alunos do Ensino Fundamental: Análise de uma atividade educativa mediada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2019.

Corpos e suas Estilizações, que abrange trechos associados à identificação dos significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação, a partir da reiteração de normas via comportamentos, brinquedos, cores, roupas, formas de expressar-se, nomear, atitudes, entre outros, que produzem o gênero e *Corpos e suas Resistências*, que revela o posicionamento dos alunos contra os processos de naturalização, violências contra homens, mulheres, LGBTQI+, mostrando que enquanto os corpos estão sendo governados, eles também estão resistindo.

Isso destaca o caráter móvel e relacional do poder e a outra face da moeda das relações de poder, que é a da resistência, como é apresentado na abordagem foucaultiana. Desse modo, compreendemos resistência como um conjunto de práticas de liberdade, ou seja, exercícios e experiências de transformação de si e dos outros com quais os sujeitos interagem (FOUCAULT, 2017).

São práticas capazes de inventar maneiras alternativas e criativas de encarar e desconstruir normas e projetos de um dispositivo, criando fraturas no seu interior (BUTLER, 2015; FOUCAULT, 2017). Fraturas que, por meio da produção de narrativas audiovisuais, buscamos estimular via estranhamento, questionamento e problematização dos significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação. Esta última categoria foi construída especificamente a partir dos resultados encontrados na fase de produção das Narrativas Filhas. A resistência.

Destaca-se que embora não tenha sido realizada uma análise global da produção audiovisual, considerando-se os diferentes elementos fílmicos e estéticos, neste artigo são destacadas imagens de algumas cenas para reforçar as temáticas discutidas.

A apresentação e a discussão dos resultados estão organizadas segundo esta categorização. Algumas lentes foram necessárias para apoiar a análise da narrativa, envolvendo a problematização sobre os significados inscritos nos corpos, que levam a sua produção, ou seja, a sua generificação. Dentre elas, destacam-se as discussões conceituais sobre gênero e corpo (BUTLER, 2015; LOURO, 2014), as críticas ao reducionismo e ao determinismo biológico, o dualismo sexo/gênero (ANDRADE, 2016; GUNCKEL, 2009; LOURO, 2014), a Pedagogia *queer* (BAZZUL; SYKES, 2010; GUNCKEL, 2009; LETTS, 2001; LOURO, 2016; SNYDER; BROADWAY, 2004), e, finalmente, os estudos sobre o potencial das narrativas, especialmente mediadas por tecnologias digitais como abordagem pedagógica (FERREIRA *et al.*, 2016; HLALELE; BREXA, 2015; PIRES, 2010; SOARES; PAIVA; NOLASCO, 2017).

Ressalta-se que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer 2.938.888, sendo conduzida de acordo com os padrões éticos exigidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa *Preconceitos, Estereótipos e Bullying na Escola*, uma dramatização videográfica, apresenta uma situação-problema do cotidiano dos alunos, integrando relatos pessoais e ficcionais vivenciados na escola. A história, estruturada em cinco cenas, envolve cinco personagens (Tiffany, Carol, Lagel, Nauã e Mãe do Lagel) e destaca-se pela crítica à questão da produção dos corpos. Tiffany e

Carol, cansadas das violências do cotidiano praticadas pelos colegas de escola (Lagel e Nauã) e da padronização heteronormativa dos corpos (tomando-se como exemplo o livro de Ciências), decidem encontrar uma forma de criticar esse padrão⁵.

Na análise da narrativa, daremos destaque ao reconhecimento pelos alunos dos processos de generificação, de produção dos corpos, que desencadeiam hierarquias, na medida em que alguns corpos são considerados superiores a outros, por meio da inscrição de significados vinculados a aspectos físicos e comportamentais.

Significados que contribuem na produção de dicotomizações, que demandam processos de estilização contínuos para feminilizar e masculinizar os sujeitos, por meio de práticas culturais, envolvendo, por exemplo, a esfera educacional, lúdica e estética. Ao longo da narrativa vemos como os alunos questionam alguns significados inscritos nos corpos e fazem do ato de narrar uma forma de resistência, a fim de dar visibilidade a modos de viver os corpos, muitas vezes marginalizados, inclusive, dentro da escola.

3.1 CORPOS E SUAS HIERARQUIAS: QUEM DEIXOU VOCÊ FALAR COM A GENTE DESSE JEITO? QUE MORAL VOCÊS TÊM PARA FALAR COM A GENTE ASSIM?

A narrativa mostra a compreensão dos alunos de como a produção de gênero organiza as relações sociais de modo assimétrico e hierárquico. Na Cena 1, é possível observar que os alunos procuraram trazer esta questão à tona e problematizá-la, a partir da encenação de práticas heteronormativas performadas pelos meninos em relação às meninas. No diálogo a seguir, o grupo ilustra este tipo de situação, quando os meninos chegam rindo e um deles usa como forma pejorativa a palavra “sapatão” para chamar as meninas, ao mesmo tempo em que os dois derrubam os livros das mãos delas (FIGURA 1):

Carol: Ih, eu acho que vou me dar muito mal nessa prova

Lagel: Ih, oh lá, é sapatão

Carol: Me deixa em paz!

Tifany: Vocês poderiam, por favor, se retirar?

Carol: Quem deixou você falar com a gente desse jeito? Que moral vocês têm para falar com a gente assim?

⁵ Algumas informações utilizadas na caracterização da narrativa, tais como a presença de relatos pessoais e a identificação do livro criticado, foram obtidas por meio da interação com os alunos, ao longo do processo de produção do audiovisual.

Figura 1 – Cena 1: Momento em que os meninos derrubam os livros das meninas

Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Como discute Butler (2015), para reconhecer a existência das assimetrias, basta observar os limites, as regras e performances imputadas aos corpos, a disciplinação e a punição, bem como perceber na sociedade o modo como alguns corpos importam mais do que outros. Todos esses aspectos nos ajudam a visualizar as expectativas societárias sobre os sujeitos e as hierarquias construídas a partir dos significados inscritos no que se entende por corpo (LOURO, 2014; 2016; LUNDIN, 2011).

Vale ressaltar como as personagens mostraram que não é preciso ser homossexual para sofrer esse tipo de violência, basta parecer, como foi o caso das meninas. Ou seja, basta a performance do corpo escapar à feminilidade e o comportamento esperado para o sujeito ser questionado e punido até mesmo fisicamente.

Nesse sentido, são necessárias novas pedagogias, posturas e arranjos institucionais, que rompam com essas formas de opressão desencadeadas pela heteronormatividade, presente na própria escola, via normas regulatórias de gênero, que orientam práticas pedagógicas, atitudes e comportamentos dos sujeitos (MISKOLCI, 2015; JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2017) difundidas, inclusive, em materiais educativos (ANDRADE, 2016; BAZZUL; SYKES 2010; SNYDER; BROADWAY, 2004). Assim, é necessário tornar a escola espaço de estranhamento, questionamento e problematização das relações que produzem hierarquias junto aos alunos, com o objetivo de compreender como são produzidas, reforçadas e naturalizadas na sociedade (GUNCKEL, 2009; LOURO, 2016; LUNDIN, 2011).

3.2 CORPOS E SUAS DICOTOMIZAÇÕES: VOCÊ JÁ PERCEBEU ESSE PADRÃO DOS SERES HUMANOS NOS LIVROS?

Na cena 2, observamos o alerta, a crítica e o questionamento das personagens sobre as representações relacionadas aos aspectos físicos e comportamentais, que são apresentados como possíveis elementos desencadeadores de hierarquias e violências vivenciadas por elas, ao contribuírem com a naturalização de feminilidades e masculinidades. Isso aparece no diálogo entre as personagens da história sobre o padrão dos corpos no livro de ciências (FIGURA 2):

Carol: Você já percebeu esse padrão dos seres humanos nos livros?

Tiffany: Como assim?

Carol: A cor da pele, os padrões de corpo, brinquedos

Tiffany: Sim, na maioria das vezes são pessoas brancas, meninas com bonecas e meninos com carrinhos e coisas agressivas. Meninas de lacinhos e meninos todos largados.

Figura 2 – Cena 2: Momento em que Carol mostra o livro para Tiffany



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

O relato das alunas mostra como a escola é atravessada por representações heteronormativas, ao evidenciarem as estilizações presentes no livro didático, que reforçam a dicotomização dos corpos, contribuindo, deste modo, com a manutenção do discurso biológico (ANDRADE, 2016; BAZZUL; SYKES, 2010; LOURO, 2014; LUNDIN, 2011). Tendo em vista a reiteração deste discurso e seu papel na produção de uma concepção binária de gênero, o livro de Ciências, e/ou sua mediação, pode ser um dos caminhos para mexer com percepções consolidadas, ao se propor a queerização dos conteúdos de biologia, que contribuem na naturalização das diferenças (BAZZUL; SYKES 2010; SNYDER; BROADWAY, 2011).

Ainda mais se considerarmos como estes artefatos são elementos próximos da realidade dos alunos, que favorecem discussões e análises mais amplas. É uma forma de combater justamente discursos produtores de verdades e visibilizar o modo como a heteronormatividade medeia a relação dos sujeitos com o próprio conhecimento, oportunizando, desse modo, novas formas de se pensar (GUNCKEL, 2009; LETTS, 2001).

É necessário ressaltar o reconhecimento pelos alunos de um padrão hegemônico de pele – o caucasiano –, mostrando o silenciamento, nos livros, de corpos fora desse espectro.

Assim, vemos a importância de afastar-nos de abordagens em que o conhecimento científico, o aprendizado e a educação em ciências são genericados, racializados e sexualizados (LETTTS, 2001; SNYDER; BROADWAY, 2004). Por fim, é importante ressaltar como não é apenas o Ensino de Ciências que traz certo olhar, mas as disciplinas de um modo geral, porque não podemos esquecer como a Escola está imersa numa cultura orientada ainda por determinada norma (LOURO, 2014; MISKOLCI, 2015).

3.3 CORPOS E SUAS ESTILIZAÇÕES: NÃO É PORQUE A GENTE TEM CABELO CURTO QUE A GENTE É HOMOSSEXUAL

Na narrativa, vemos como os alunos reconhecem e criticam as diferentes estilizações impostas aos sujeitos e como elas estão relacionadas ao modo como são categorizados. As alunas mostram como as estilizações impactam suas vidas e a sociedade, aspectos importantes de serem mais discutidos com os jovens.

O trecho destacado na temática anterior caracteriza, por exemplo, processos de estilização na esfera lúdica: “meninas com bonecas e meninos com carrinhos”. Isso ocorre a partir de brinquedos com os quais as crianças passam a tomar consciência do lugar social que ocupam, dos papéis femininos e masculinos que seus corpos devem desempenhar que mostram a produção do gênero em si. São as brincadeiras constituintes da própria cultura que vão também construindo os corpos, as noções de menino e de menina, que são importantes na produção de comportamentos específicos e antagonismos entre homens e mulheres (CRUZ; SILVA; SOUZA, 2012).

Na Cena 4, a estilização também foi abordada no campo da estética, quando a personagem Carol critica uma visão estereotipada de que ter cabelo curto implica em ser menos feminina e até “homossexual”. O mesmo, de certa forma, é apontado pela personagem Tiffany, quando relaciona a questão do esporte a determinado comportamento. Em ambos os casos, as alunas reconhecem tentativas de construir diferenças para fundamentar separações e as questionam, como vemos no diálogo abaixo:

Carol: [...] não é porque a gente tem cabelo curto que a gente é homossexual.

Tiffany: Ou porque a gente gosta de futebol e somos mais duronas.

Lagel: Gente, desculpa, será que podemos ser amigos?

A narrativa do grupo mostra o papel da estilização para manutenção de uma coerência pelo que se entende de feminilidade e masculinidade no contexto de uma sociedade apoiada na heteronorma. Aqui é importante refletir sobre quais estilizações circulam na escola e como a narrativa alerta para a forma como o espaço escolar, muitas vezes, classifica, hierarquiza, ordena e institui modos específicos de ser menino e menina. Por meio de práticas vivenciadas e interiorizadas neste espaço, é produzida uma naturalidade, a partir de mecanismos sutis que distinguem os sujeitos (LOURO, 2014).

A superação desse quadro depende da desconstrução de concepções heteronormativas de gênero, o que implica, também, se afastar de um currículo alinhado a padrões hegemônicos ditados pela sociedade. É necessário contemplar a diferença, as diversas formas de performar feminilidades, masculinidades e outras possibilidades, que não podem ser reduzidas ao binário de gênero. É preciso, deste modo, queerizar (estranhar, questionar e problematizar) o currículo.

Com a narrativa, vemos como o corpo é mais do que um grupo de sistemas, o corpo é também a roupa, o acessório, a atitude e o que se fala sobre ele. E o que se fala sobre ele, também o constrói. Assim, é preciso refletir sobre o corpo como algo produzido na/pela cultura; como algo ao qual são atribuídas diferentes marcas ao longo do tempo, que nos permite ver como ele é mutável, provisório, suscetível a intervenções, de acordo com códigos morais, representações e discursos (GOELLNER, 2013; LOURO, 2014).

A narrativa elaborada pelos alunos serviu para destacar as hierarquias e suas possíveis relações com as dicotomizações e estilizações dos corpos. Características necessárias para reforçar e conso-

lidar uma percepção sobre gênero (LOURO, 2014; LUNDIN, 2011). Em meio à produção contínua do gênero, observam-se, também, tentativas de resistir ao governo dos corpos, mostrando que a norma em operação para regulá-los é a mesma pela qual o resistir torna-se possível (FOUCAULT, 2017).

3.4 CORPOS E SUAS RESISTÊNCIAS: E QUE TAL A GENTE MUDAR UM POUCO DESSE PADRÃO?

Neste momento da produção, vemos como os alunos fizeram do ato de narrar uma forma de resistir e fizeram das narrativas um abrigo para experiências, muitas vezes silenciadas e/ou com pouca representatividade nos discursos sociais.

Uma das formas de resistir demonstrada na narrativa é quando uma das personagens, na Cena 3 (FIGURA 3), apresenta uma outra proposta de performance feminina como uma forma de se opor ao modelo heteronormativo. A aluna, que tem cabelo curto originalmente, para a interpretação da personagem Tiffany, usa uma peruca para simular uma cena em que seu cabelo é cortado por Carol, conforme vemos abaixo:

Carol: E que tal a gente mudar um pouco desse padrão?
Tiffany: Nossa! Ficou lindo seu cabelo!
(vão para escola no dia seguinte e se deparam com a reação de Lagel).

Figura 3 – Cena 3: Ato de resistência das personagens



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Ao decidirem cortar o cabelo, as alunas encontram uma forma de resistir ao produzirem o corpo de forma diferenciada, dando abertura para outras subjetividades e dando espaço para desconstruir, também, concepções de que existe um jeito específico de ser lésbica.

É importante ressaltar que a aluna de cabelo curto interpreta a si mesma em alguns momentos ao retratar experiências desagradáveis vivenciadas por causa do cabelo que tem e do modo de se comportar, considerado por alguns fora do padrão hegemônico de feminilidade segundo seus próprios relatos.

Uma experiência retratada é a reação agressiva de Lagel em relação ao novo visual da Tiffany, quando se encontram na quadra, lugar recorrente de práticas de bullying, como podemos ver na Cena 4 apresentada a seguir:

Carol: Quem disse que toda lésbica precisa ter cabelo curto? Só porque a gente tem cabelo curto?
Lagel: Meu parceiro, toda sapatão tem cabelo curto.
Carol- Sério? Então sua mãe é?

Figura 4 – Cena 4 - Reação intimidadora de Lagel e Cena 5 - mãe do personagem com cabelo curto



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Assim, vemos como a narrativa audiovisual foi relevante para os alunos se colocarem no lugar e dar visibilidade ao outro, sentir um pouco na pele o que é viver nesse lugar imposto pela sociedade, que marginaliza determinadas subjetividades, mostrando-se como uma prática importante no processo formativo dos jovens para desnaturalizações em relação a gênero e sexualidade (FERREIRA *et al.*, 2016).

Tais aspectos destacam a importância da afetividade e da empatia na produção audiovisual desenvolvida, que se mostraram estratégias valiosas para os estudantes corporificarem suas experiências, mostrarem as relações de poder em trânsito e as possibilidades de resistência.

E, nesse sentido, as mídias no contexto da cultura digital têm um papel importante ao potencializar o empoderamento dos sujeitos, por meio de práticas pedagógicas que situam os alunos como produtores e agentes de suas narrativas (PISCHETOLA, 2018). Esses aspectos ficam visíveis no modo como se apropriam da linguagem audiovisual como forma de resistir a uma rede de significações, que produzem os corpos segundo determinada norma (SOARES; PAIVA; NOLASCO, 2017).

Com este relato podemos reforçar o papel da narrativa audiovisual como uma experiência reflexiva e propulsora de atos de resistência (PIRES, 2010). Esses atos estão presentes nos momentos em que pessoas se dão conta das narrativas em circulação, que tentam instaurar um modo de ser e decidem ir contra aquilo que tentam definir suas escolhas, com atos de insubordinação e não ajustamento (LOURO, 2009). A narrativa desenvolvida pelos alunos traz estes aspectos, quando os alunos tentam

performar o corpo fora da lógica da heteronorma, mostrando as audiovisuais como espaço de deslocamentos e reescrita de si (FERREIRA *et al.*, 2016).

Desse modo, a produção de narrativas audiovisuais mostra-se valiosa para a aprendizagem, tendo em vista a forma como este tipo de prática contribui para desestabilizar o próprio modelo tradicional de educação e ressignificar a realidade a partir dos códigos audiovisuais, que trazem à tona novas possibilidades de leitura e escrita, ampliando as possibilidades do olhar. Isso tudo, ao mesmo tempo em que destaca o papel do aluno como um sujeito criativo e transformador, quando faz da produção midiática um espaço para expressar suas ideias, saberes, sentimentos, se comunicar e criticar representações e práticas (HLALELE; BREXA, 2015; PIRES, 2010).

4 CONCLUSÃO

Como observado, a narrativa audiovisual se constituiu em uma experiência reflexiva importante para discutir gênero com os alunos, destacando sua potencialidade no desenvolvimento da crítica e de práticas de resistência. Esse tipo de atividade torna-se ainda mais relevante em tempos em que grupos conservadores têm censurado o debate sobre gênero, destacando a importância da escola como espaço privilegiado para criticar e desestabilizar concepções heteronormativas.

Essas concepções definidas por uma norma pautada em uma coerência entre sexo, gênero e expressão da sexualidade (LOURO, 2014), que dita condutas e formas de se viver, ainda mais intensificadas no contexto da cultura digital, onde se observa um esforço de se construir uma interpretação equivocada sobre o debate de gênero na escola. Assim, é preciso reconhecer o papel chave dessa instituição no desenvolvimento de multiletramentos em relação ao modo como a temática é discutida e as tecnologias são utilizadas pelos alunos no contexto da cultura digital, porque se almejamos o pensamento crítico, isso também deve estar presente no modo como nos apropriamos da tecnologia no dia a dia (PISCHETOLA, 2018).

Assim, a Escola precisa ser compreendida como um espaço que já faz parte dessa cultura e que tem o potencial de contribuir na elaboração de novas formas de pensar a tecnologia nos processos de ensino-aprendizagem e sua relação com o cotidiano, sendo necessário para esta mudança, ampliar, ainda mais, práticas que hibridizem cenários, atores e tecnologias (SIBILIA, 2012).

Essa mudança torna-se ainda mais necessária na atualidade, em que as tecnologias estão sendo utilizadas, também, para fortalecer o conservadorismo na sociedade. É nesse contexto, em que vemos nas redes uma intensa circulação e reprodução de *fake news*, que a escola pode contribuir na construção do pensamento crítico para que os alunos façam da cultura digital, também, um espaço de narrativas de resistência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. **Biologia e gênero na escola**: Um diálogo ainda marcado por reducionismo, determinismo e sexismo. Curitiba: Appris, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAZZUL, J; SYKES, H. The secret identity of a biology textbook: Straight and naturally sexed. **Cultural studies of science education**, v. 6, n. 2, 2011. p. 265-286. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11422-010-9297-z>. Acesso em: 29 set. 2019.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

CRUZ, L; SILVA, Z; G; SOUZA, M. O brinquedo e a produção do gênero na educação infantil: uma análise pós-estruturalista. Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos. **Anais...**, 2012.

FERREIRA, B. *et al.* A homofobia em debate nas escolas e nas telas: Um estudo com vídeos escolares compartilhados no Youtube. Seminário Internacional de Educação em Sexualidade, 4. **Anais...**, Vitória, ES, 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Edições Paz& Terra, 2017.

GOELLNER, S. V. *et al.* A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 28-40.

GUNCKEL, K. Queering science for all: Probing queer theory in science education. **JCT** (On-line), v. 25, n. 2, p. 62, 2009. Disponível em: <https://journal.jctonline.org/index.php/jct/article/view/GUNQU>. Acesso em: 29 set. 2019.

HLALELE, D.; BREXA, J. Challenging the narrative of gender socialisation: Digital storytelling as an engaged methodology for the empowerment of girls and young women. **Agenda**, v. 29, n. 3, p. 79-88, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10130950.2015.1073439>. Acesso em: 29 set. 2019.

JUNIOR, D. R. C.; POCAHY, F; CARVALHO, F. S. P. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, v. 11, n. 2, p. 17-38, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36180>. Acesso em: 29 set. 2019.

LETTTS, W. When science is strangely alluring: Interrogating the masculinist and heteronormative nature of primary school science. **Gender and Education**, v. 13, n. 3, p. 261-274, 2001. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09540250120063553>. Acesso em: 29 set. 2019.

- LOURO, G. Gênero e sexualidade: Foucault e os estudos queer. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA- NETO, Alfredo (Org.). **Para uma vida não-fascista**, 2009. p.135-143
- LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 2014.
- LOURO, G. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. São Paulo: Autêntica, 2016.
- LUNDIN, M. Building a framework to study the hetero norm in praxis. **International Journal of Educational Research**, v. 50, n. 5, p. 301-306, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883035511000942>. Acesso em: 29 set. 2019.
- MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. São Paulo: Autêntica, 2015.
- PIRES, E. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. **Educação e pesquisa**, v. 36, n. 1, p. 281-295, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a06v36n1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.
- PISCHETOLA, M. Cultura digital, tecnologias digitais de informação e comunicação e práticas pedagógicas. *In*: CANDAU; V (Org.). **Didática**: tecendo/ reinventando saberes e práticas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.
- SANCHO, J. M.; HERNANDEZ (Org.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.
- SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SOARES, M; PAIVA, V; NOLASCO, L. Gêneros e sexualidades praticados em currículos dissidentes nos/com os cotidianos escolares. **Revista Teias**, v. 18, n. 51, p. 33-50, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30538f>. Acesso em: 29 set. 2019.
- SNYDER, V.; BROADWAY, F. Queering high school biology textbooks. **Journal of research in science teaching**, v. 41, n. 6, p. 617-636, 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/tea.20014>. Acesso em: 29 set. 2019.
- STRUCHINER, M; GIANNELLA, T. Com-viver, com-ciência e cidadania: Uma pesquisa baseada em design integrando a temática da saúde e o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação na escola. **Revista e-Curriculum**, v. 14, n. 3, p. 942-969, 2016.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. narrativas digitais e o estudo de contextos de aprendizagem. **Em Rede**, Revista de Educação a Distância, v. 1, n. 1, p.32-50, 2014. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/10>. Acesso em: 29 set. 2019.

1 Mestre e Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Especialista em Opinião Pública pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ; Graduada em Comunicação Social pela Faculdade CCAA. E-mail: rafiferreira22@gmail.com

2 Mestre e Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ; Graduada em Ciências Biológicas Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rosiwardenski@gmail.com

3 Doutora em Educação, Difusão e Gestão em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Mestre em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Graduada em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: taisrg@yahoo.com.br

Recebido em: 30 de Março de 2018

Avaliado em: 5 de Maio de 2018

Aceito em: 10 de Agosto de 2018



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Como citar este artigo:

ROMEO, Andrea. Lo special account del fenomeno religioso nel dibattito nordamericano. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 29., 2018, p. 15-48. DOI: 10.17564/2316-3828.2018v7n1p13-24



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhual CC BY-SA

